



NATURAES D'AVILA.

AVILA, cabeça da provincia do seu nome, está a dezoito leguas de Madrid. Nesta cidade por ordem de Daciano foi martyrisado o nosso portuguez, S. Vicente, natural d'Evora, cujo corpo se venera na sé lisbonense (*): no lugar do martyrio foi erecto um templo, depois que Constantino deu paz á Igreja, o qual é dos antiquissimos das Hespanhas, e tendo sido reedificado por S. Fernando é obra solida e magestosa, e o edificio mais notavel de Avila abaixo da cathedral. Ha nesta terra mais outro lugar santificado, e é o sitio onde nasceu St.^o Theze de Jesus, que está convertido em capella no convento da extincta ordem dos carmelitas descalços.

O numero dos habitantes calcula-se em cinco mil: usam estes ordinariamente de um traje, que lhe é particular, e no desenho, que estampamos aqui, se vê representado; em parte semelha o dos

(*) Vid. a pag. 241 e 417 do 1.^o vol. desta 2.^a Serie.

montanhezes de Leão, em parte o dos rusticos de Salamanca. São os que mais tem conservado o caracter de gravidade singela dos antigos castelhanos. Os homens trazem uma veste de couro, parecida á cota, ou melhor diremos saio, que vemos nas figuras de soldados do seculo 15.^o; camisa atacadada no colarinho e este bordado, calças e polainas como é d'uso no restante da Castella, rematando o vestuario o enorme e desabado chapéu á moda dos antigos terços da Flandres. As mulheres trajam saia ou mantéu que de ordinario tem muita roda, e cheio de prégas, tendo sempre na cortapiza uma larga facha de veludo de cór mais fechada que o mantéu, e a que chamam *la tirana*: põem no pescoço um lenço com seus bordados e franjas, chamado *dengue*, e outro de seda na cabeça, pendente com graça e sómente subjugado pelo chapéu, que, postoque tambem derrubado e de copa, é menor e mais airoso que o desmesurado sombreiro que

trazem os homens. As ricas costumam ajuntar a tudo isto muitas veronicas e cruces de prata, e o avental de fina tela.

Tão singelos como os vestidos acham-se os usos e costumes desta boa gente; delles os mais notaveis são os praticados nas bodas, e consistem n'algumas ceremonias de origem remota. Por exemplo, se a noiva é de povo distincto do que habita o noivo, não pôde este entrar a vê-la sem ter pago á rapariga uma vez de vinho bom: chegado o dia da boda, o sobredito noivo, acompanhado de seu pai, do padrinho, e do *pagem da noiva*, que é uma especie de testemunha, com os mais convidados, encaminha-se á aldeia da futura, a qual sahe de casa com seu acompanhamento em tudo correspondente áquelle, e ambas as comitivas dirigem-se á igreja: celebrados os desposorios, mouta o rancho inteiro em cavalgaduras maiores ou menores, segundo cada um as tem ou pôde arranjar, e vão para a povoação do noivo comer o banquete, que pelo commum consta de carne cosida, carneiro guizado e arroz doce, que são pratos obrigados, e vinho em larguissima copia: o cura e o tabelião da terra assistem á comida; finda esta, o segundo senta-se a outra meza com uma bandeja diante em que todos os concorrentes vem depôr as prendas para os noivos, que em geral são roupas de meza e cama e enfeites do fato. Acabada a offerenda, começa o baile, e todos os que estão presentes tem direito a dançar um passo com a noiva, mediante o tributo de cinco réis ou dez réis, que é apregoado a toque de pandeiro.

A DAMA PÉ-DE-CABRA.

(Conto de junto ao Lar).

Parte Terceira.

I.

MENSAGEIROS apoz mensageiros; cartas sobre cartas tem vindo de Toledo a Inigo Guerra. Elrei de Leão resgatava todos os dias seus cavalleiros por cavalleiros mouros; mas não tinha wali ou alkaid captivo que podesse dar em troco por tão nobre senhor, como o senhor de Biscaia.

E muitos dos redemidos eram das bandas das serras: e estes, trazendo as mensagens, contavam ainda mais lastimas do velho D. Diogo Lopes, do que, se é possível, essas de que resavam as cartas.

«Á porta do aguião em Toledo — diziam elles — tem a mourisma um grande campo todo mui bem apalancado: aqui fazem grandes festas, guinolhas, e touros nos dias dos seus perros santos, segundo lá lh'os prégam e determinam cacizes e ulemás.

«Gaiolas de bestas-feras muitas ha ahí, cousa mui de ver e pasmar: os tigres e leões não as rompem; rompe-las mãos d'homens, fóra pequice sómente o acredita-lo.

«N'uma destas prisões, quasi nú, com ferros de pés e mãos, está o illustre rico homem, que já foi capitão de grandes e lustrosas mesnadas.

«Cortezes costumam ser mouros com seus captivos fidalgos. Fazem esta perraria a D. Diogo Lopes, porque já são passados tres annos, e não ha ver seu resgate.»

E os peregrinos que vinham do captiveiro e relataavam taes cousas, bem ceados e agasalhados no

castello, iam-se no outro dia com Deus, levando provida a escarcella, e em boa e santa paz.

Quem não ficava em paz era D. Inigo: «Porque não vais tu á serra? — dizia-lhe uma voz ao ouvido. «Porque não ides procurar vossa mãe: repetia-lhe o pagem Brearte.

Que lhe havia de fazer? — Uma noite inteira levou em claro a pensar nisso. Pela manhã, a Deus e á sorte, ei-lo que enfim se resolve a tentar a aventura, bem que de seu máu-grado.

Benzeu-se vinte vezes, para não ter lá de persignar-se. Rezou o *Pater*, a *Ave*, e o *Credo*; porque não sabia se em breve essas orações seriam cousa de recordar-se.

E seguido de um mastim seu predilecto, a pé e com um venábulo na mão, foi-se atravez da floresta por uma vereda que dizia para os pincaros tristes e ermos, onde era tradição que a linda dama tinha apparecido a seu pai.

II.

Cantam os rouxinoes nos balseiros, murmuram ao longe as agnas dos regatos; ramalha a folhagem brandamente com a viração da manhã: vai uma linda madrugada.

E Inigo Guerra galga manso e manso os carris empinados, trepa de barrocal em barrocal, e apesar de seu muito esforço, sente bater-lhe o coração com ancia desacostumada.

Onde o bosque fazia alguma clareira, ou as penhas alguma chapada, D. Inigo parava um pouco tomando o folego, e pondo-se a escutar.

Muito havia que andava embrenhado: o sol ia alto, e o dia calmoso: em vez do canto do rouxinol ouvia-se o piar da cigarra.

E encontrou uma fonte que rebentava de rochedo negro, e saltando de aresta em aresta vinha cahir em almacega tosea, onde o sol parecia dançar no bolir das ondasinhas, que fazia o despenho da cascata.

D. Inigo assentou-se á sombra da rocha, e tirando a sua monteira matou a sêde que trazia, e pôz-se a lavar o rosto e a cabeça do suor e pó, que não lhe faltava.

O mastim depois de beber deitou-se ao pé delle, e com a lingua pendente arquejava de cansado.

De repente o cão pôz-se em pé, e arremetteu com um grande ladro.

D. Inigo volveu os olhos: um jumento silvestre pascia na orla da clareira junto d'um frondoso carvalho.

«Tarik! — gritou o mancebo — Tarik! — Mas Tarik ia ávante e não o escutava.

«Ai, deixa-o correr, meu filho! — Não é para o teu mastim levar a melhor desse onagro.»

Isto dizia uma voz que, lá em cima no alto da penha, soava.

Olhou: linda mulher estava ahí assentada, e com um gesto amoroso e um sorriso d'anjo para elle se inclinava.

«Minha mãe! minha mãe! — bradou Inigo Guerra alevantando-se: e lá comsigo dizia: — Vade retro! Santo Hermenigildo me valha!»

E como molhára a cabeça sentiu que os cabellos se lhe iam alçando de arripiados.

«Filho, na boca palavras doces: no coração palavras damnadas. Mas que importa, se és meu filho? Dize o que queres de mim, que será tudo feito a teu talante e vontade.»

O moço cavalleiro nem acertava a fallar com medo. Já a este tempo Tarik gemia uivando debaixo dos pés do onagro.

«Captivo está de mouros ha annos meu pai D. Diogo Lopes: — disse por fim titubeando. — Quizeira me ensinasseis, senhora, o modo porque hei-de salva-lo.»

«Seu mal, tão bem como tu, eu sei. Se podesse ter-lhe-hia accorrido, sem que viesses require-lo; mas o velho tyranno do céu quer que elle pene tantos annos quantos viveu com a com a que sandeus chamam dama Pé-de-Cabra.»

«Não blasphemeis contra Deus, minha mãe, que é enorme culpa: — interrompeu o mancebo cada vez mais horrorizado.

«Culpa! — para mim não ha innocencia nem culpa: replicou a dama dando uma gargalhada.

Era um rir de sonambula triste e medonho: se o diabo ri, como aquelle deve ser o rir do diabo.

O cavalleiro não pôde dizer mais palavra.

«Inigo! — proseguiu ella — falta um anno para cumprir-se o captivo do nobre senhor de Biscaia. Um anno passa depressa: mais depressa eu t'o farei passar. Vês tu aquelle valente onagro? — Quando uma noite acordando o achares ao pé de ti, manso como um cordeiro, cavalga nelle sem susto, que te levará a Toledo onde livrarás teu pai.» E bradando accrescentou: — Estás por isto, pardallo?»

O onagro fitou as orelhas, e em signal de approvação começou a azurrar: — começou por onde ás vezes academias acabam.

Depois a dama pôz-se a cantar uma cantiga de bruxas, acompanhando-se de um psalterio, de que tirava mui estridentes toadas:

Pelo cabo da vassoura,
Pela corda da polé,
Pela vibora que vê,
Pela Sura e pela Toura,

Pela vara do condão,
Pelo panno da peneira,
Pela velha feiticeira,
Do finado pela mão;

Pelo bode rei da festa,
Pelo çapo inteiriçado,
Pelo infante dessangrado
Que chupou vampiro á sésta;

Pelo craneo alvo e lustroso
Em que sangue se libou,
E do irmão que irmão matou
Pelo arranco doloroso;

Pelo nome de mysterio
Que em palavras se não diz,
Vinde já précitos vis;
Vinde ouvir o meu psalterio!

E dançai-me aqui na terra
Uma dança doudejante,
Que entonteça n'um instante
O meu filho Inigo Guerra.

Que elle durma um anno inteiro,
Como em somno de uma hora,
Junto á fonte que alli chora,
Sobre a relva deste outeiro.

Em quanto a dama cantava estas cantigas, o mancebo sentia um quebramento nos membros que crescia cada vez mais, e que o obrigou a assentar-se.

E logo, logo ouviu-se um ruido abafado como de trovões e de ventanias engolfando-se em cavernas subterraneas: depois o céu começou a toldar-se, e cada vez se entenebrecia mais até que emfim apenas uma luz de crepusculo o allumiava.

E a mansa almacega refervia, e os penedos rachavam, e as arvores torciam-se, e os ares sibillavam.

E das bolhas da agua da fonte, e das fendas dos rochedos, e d'entre as ramas dos robles, e da vastidão do ar via-se descer, subir, romper, saltar . . . o que? — Causa muito espantavel.

Eram mil e mil braços sem corpos, negros como carvão, tendo nos cotos uma aza, e na mão cada um uma especie de facho.

Como a palha que o tufão levanta na eira aquella multidão de candeias cruzava-se, revolvia-se, unia-se, separava-se, remoinhava, mas sempre com certa cadencia, como que dançando a compasso.

A D. Inigo andava a cabeça á roda: as luzes pareciam-lhe azues, verdes, e vermelhas, mas corria-lhe pelos membros uma languidez tão suave, que não teve animo para fazer o signal da cruz e aflu-gentar aquelle bando de satanazes.

E sentia-se esvaecer, e pouco a pouco adormecia, e dalli a pouco roncava.

Entretanto no castello tinham dado pela sua falta. Esperaram-no até a noite; esperaram-no uma semana, um mez, um anno, e não o viam voltar. O pobre Brearte correu por muito tempo a serra; mas o sitio em que o cavalleiro jazia, isso é que não havia lá chegar.

III.

Inigo acordou alta noite: — tinha dormido algumas horas — ao menos elle assim o cria. — Olhou para o céu, viu estrellas: apalpou ao redor, achou terra: escutou, ouviu ramalhar as arvores.

Pouco a pouco é que se foi recordando do que passará com sua malaventurada mãe; porque a principio não se lembrava de nada.

Pareceu-lhe então ouvir respirar alli perto: afirmou a vista: era o onagro pardallo.

«Já agora meio enfeitado estou eu — pensou elle: — corramos o resto da aventura, a ver se posso salvar meu pai.»

E pondo-se em pé encaminhou-se para o valente animal, que já estava enfreado e sellado: cujos eram os arreios, isso sabia-o o diabo.

Hesitou, todavia, um momento: tinha seus escrupulos — a boas horas vinham elles — de cavalgar naquelle corredor infernal:

Então ouviu nos ares uma voz vibrada, que cantava mui entoado: era a voz da terrivel dama Pé-de-Cabra:

Cavalga, meu cavalleiro,
No alentado corredor;
Vai salvar o bom senhor;
Vai quebrar seu captivo.

Pardallo, não comerás
Nem cevada nem aveia,
Não terás jantar nem ceia,
Rijo e leve voltarás.

Nem açoute nem espora
Requer elle, oh cavalleiro!
Corre, corre bem ligeiro
Noite e dia, a toda a hora.

Freio ou sella não lhe tires,
Não lhe falles, não o ferres,
Na carreira não te aterres,
Para tras nunca te vires.

Upa! firme! — avante, avante!
Breve, breve, a bom correr!
Um minuto não perder,
Bem que o gallo ainda não cante.

«Vá! — gritou Inigo Guerra com uma especie de phrenesi, que nelle produzira aquelle cantar estranho; e d'um pulo cavalgou no immovel onagro.

Mas apenas se firmou na sella, pst! — ei-lo que parte!

IV.

Postoque em paz com os christãos, os mouros de Toledo tem pelas torres, cubellos, e adarves seus atalaias e vigias, e nos montes que dizem para a frontaria de Leão seus fachos e almenaras.

Mas se o rei leonez soubesse como descuidosa jaz Toledo; como ao anoitecer se deixam dormir vigias, se deixam de accender fachos, quebraria seus juramentos e faria contra aquellas partes uma repentina arrancada.

Salvo ter de ir depois ao seu confessor dizer *confiteor Deo, e peccavi*; porque o quebrar juramento, ainda que seja a cães descritos, dizem ser feio peccado.

É a hora do crepusculo: ao sol posto os de Toledo mirando para a banda do norte viram lá muito ao longe vir correndo uma nuvem negra, ondeando e fazendo voltas no céu, como a estrada as fazia na terra por entre os montes: dir-se-hia que vinha embriagada.

Era primeiro um pontinho; depois crescêra e crescêra: quando anoiteceu estava já perto e cubria um grande espaço.

O muezzim subindo á torre da mesquita chamava os crentes de Mafamede para a oração da tarde.

Mas com a sua voz esganiçada se misturou o estourar dos trovões: era como um tiple e um baixo.

E passou um tufão de vento, que embrenhando-se e remoinhando nas barbas longas e brancas do muezzim, lhe fustigou com ellas a cara.

Começou então a cahir uma corda de chuva, que nem moços nem velhos se lembravam de ter visto cousa semelhante em nenhuma parte.

Aqui verieis os esculcas a aninharem-se nas guaritas das torres: os roldas e sobre-roldas a fugirem pelos adarves; os facheiros a sumirem-se debaixo das almenaras; os hadjis a acolherem-se ás mesquitas molhados até os ossos; as velhas, que tinham sabido ao vozear do muezzim, levadas pelas torrentes das ruas tortuosas e estreitas bradando por Mafoma e Allah. E a agua cahindo cada vez mais!

Dois unicos movimentos fazem então os moradores de Toledo: uns fogem, outros agacham-se. — E a agua cabindo cada vez mais.

O pavor quebra todos os animos: os cacizes esconjuram a procella: os faquires penitentes gritam que se acaba o mundo, e que lhes deixe os seus bens aquelle que quizer salvar-se. E a agua cabindo cada vez mais.

A salvação de Toledo foi não se terem fechado suas portas: se assim não succedesse, dentro do recinto dos muros morria toda a mourisma affogada.

V.

Na prisão está D. Diogo encostado ás grades de ferro. O pobre velho entretinha-se a ouvir aquelle medonho chover; porque a noite era comprida, e elle não tinha que fazer mais nada.

Mas como o terreiro ante a sua gaiola de feras era rodeado de muros, a chuva não podia escoarse toda, e vinha crescendo de modo que já elle sentia os pés molhados.

E tambem começou a ter medo de morrer, apesar da sua miseria. Bem sabia D. Diogo que a morte é a maior dellas todas; que não era o senhor de Biscaia atheu, philosopho, nem parvo.

Mas lá divisa um vulto alvacento, que salvou por cima do palanque, e sente ao mesmo tempo no meio do terreiro — *plash!* —

E ouviu uma voz que dizia: «Nobre senhor D. Diogo, onde é que vós vos achais!» —

«Que vejo e ouço?! — exclamou o velho. — Um traje que não alveja, não é traje d'ismaelita: uma voz que não falla algaravia, não é d'infiel: um salto de tal altura não é de cavalleiro do mundo. Por vossa fé dizei-me, sois anjo, ou sois Santiago?»

«Meu pai, meu pai! — acudiu o cavalleiro — já não conheceis a falla de Inigo? Sou eu que venho salvar-vos.»

E D. Inigo descavalgou, e travando das grossas reixas tentava allui-las: a agua dava-lhe já pelos artelhos, e elle não fazia nada.

Cheio de afflicção o mancebo quiz invocar o nome de Jesus; mas lembrou-se de como alli viera, e este nome expirou-lhe nos labios.

Todavia pardallo pareceu adivinhar seu intimo pensamento; porque soltou um gemido agudo e rapido como se o houvessem tocado com um ferro em braza.

E empurrando com a cabeça D. Inigo, voltou a anca para a grade.

Pan! — foi o som que se ouviu. Com um só couce a reixa estava no chão, e as hobreiras de pedra tinham voado em mil rachas. Quer m'o creiam quer não — di-lo a historia: eu com isto nem perco nem ganho.

D. Diogo, esse ficou-o crendo; porque uma lasca de pedra bateu-lhe nos dois ultimos dentes que tinha e mettu-lh'os pela goella abaixo. Por isso elle com a dôr não podia dizer palavra.

Seu filho fê-lo cavalgar ante si, e cavalgando apoz elle, bradou: «Meu pai, estais salvo!»

E pardallo de um pulo galgou de novo o palanque. Pois tinha bons quinze palmos!

Pela manhaã não havia signal de chuva; o ar estava limpo e sereno, e quando os mouros foram ver o que succedêra a D. Diogo Lopes não lhe acharam sequer o rasto.

VI.

D. Inigo e seu pai, o velho senhor de Biscaia passam as portas de Toledo com a rapidez da frecha: n'um abrir e fechar d'olhos ficam-lhe para traz muros, torres, barbacaãs e atalaias. A bâtega vai diminuindo: rasgam-se as nuvens, e veem-se já reluzir algumas estrellas que parecem outros tantos

olhos com que o céu espreita através do negrume o que se passa cá embaixo.

A estrada pelas descidas e subidas dos recostos converteu-se em leito de torrente, nos plainos converteu-se em lago.

Mas pelos lagos e torrentes o valente onagro rompe ávante, bufando como um damnado.

Não subiram bem um monte, já descem pelo outro recosto abaixo; ainda bem não chegaram a uma clareira, já sentem em profunda floresta gotejarem-lhes em cima os ramos agitados das arvores.

Pouco mais é de meia-noite, e os topos nevados do Vindio se estampam no chão estrellado do céu já limpo, semelhantes aos dentes de uma serra gigante capaz de devidir cêrcco o hemispherio austral do hemispherio boreal.

E pardallo investe sempre em galope espantoso com as montanhas disformes, e desce os valles temerosos, e cada vez mais ligeiro, como o seu nome o indica, parece menos quadrupede que passaro.

Mas que ruido é esse que sobreleva ao do vento? que é isso que, lá ao longe, ora alveja ora reluz nas trevas, como uma alcateia de lobos involtos em sudarios brancos com os olhos só descobertos, e despegando em fio pelo fundo do valle abaixo?

É um rio caudal e furioso com o seu manto de espuma, e com as escamas angulosas de seu dorso eriçado, onde batem e chispam os raios das estrelas em mil reflexos quebrados.

Negreja sobre o rio uma ponte, ao meio desta um vulto esguio. Será um marco? — uma columna com estatua? — pensaram os cavalleiros. Pinheiro não pôde ser: não consta que em taes sitios nasçam.

Pardallo ria-se de rios; pontes, fazia tanto cabeçal dellas como de um retraço de palha. Todavia, bem que podesse de um pulo salvar vinte ribeiras como aquella, foi-se direito á ponte; porque não era animal que fizesse áfricas escusadas.

Similhante a relampago se arrojou o onagro áquelle passo estreito; mas, tá! — ei-lo que de repente pára.

E tremia como varas verdes, e arquejava com violencia: os dois cavalleiros olharam.

O vulto esguio era um cruzeiro de pedra alevantado a meia ponte: por isso pardallo emperrava.

Então d'entre uns altos choupos que da margem d'alem se meneavam um pouco mais abaixo daquelle sitio ouviu-se uma voz fadigosa e tremula que cantava:

Para traz, para traz, a galgar!

Já!

De redor, de redor vem passar

Cá!

Que não ha nada aqui que te empeça!

Buz,

Nem palavra, vós dois! Fugí dessa

Cruz!

Santo nome de Christo! — exclamou D. Diogo benzendo-se ao escutar aquella voz que bem conhecia, mas que depois de tantos annos não esperava alli ouvir, porque seu filho não lhe dissera que meio achára para o salvar.

Apenas o grito do velho soou, assim elle como D. Inigo foram bater contra o poial do cruzeiro onde ficaram de bruços, involtos em lodo. O onagro ao sacudi-los de si soltára um rugido de besta-ferra. Sentiram então um cheiro intoleravel d' enxofre e de carvão de pedra inglez, que logo se percebia ser cousa de satanaz.

E ouviram como um trovão subterraneo; e a ponte balouçava como se as entranhas da terra se despedaçassem.

Apesar do seu grande terror, e de clamar pela Virgem Santissima, D. Inigo abriu um cantinho do olho para ver o que se passava.

Nós os homens costumámos dizer que as mulheres são curiosas. Nós é que o somos. Mentimos como uns desalmados.

Que veria o cavalleiro? Um fojo aberto bem proximo d'elle sobre a ponte, e que depois rompia pela agua:

E depois pelo leito do rio; e depois pela terra dentro, dentro; e depois pelo tecto do inferno, que outra cousa não podia ser um fogo muito vermelho que reverberava daquella immensa profundidade.

Tanto era isso, que ainda lá viu passar de relance um demonio com um desconforme espeto nas mãos em que levava um judeu empalado.

E pardallo descia remoinhando por esse boqueirão, como uma penna cahindo em dia sereno do alto de uma torre abaixo.

Aquella vista fez perder os sentidos a D. Inigo, que indo tambem a chamar por Jesus achou que não podia proferir este nome sagrado.

De terror tanto o velho como o moço ficaram alli em desmaio.

Quando tornaram a si com o romper do sol claro, conheceram o sitio em que se achavam. Era a ponte proxima á aldeia de Nusturio, no alto da qual campeava o castello construido por D. From o saxonio, avô de D. Diogo Lopes, e primeiro senhor de Biscaia.

Nenhum vestigio restava do que alli se passára: os dois moídos e cheios de lodo e pisaduras foram-se arrastando como poderam até encontrarem alguns villões a quem se deram a conhecer, e que os levaram a casa.

Festas que em Nusturio se fizeram por sua vinda, cousa é que não vos direi; porque não tarda a hora de ceiar — rezar — e deitar.

VII.

D. Diogo pouco tempo viveu: todos os dias ouvia missa; todas as semanas se confessava. D. Inigo, porem, nunca mais entrou na igreja, nunca mais rezou, e não fazia senão ir á serra caçar.

Quando tinha de partir para as guerras de Leão viam-no subir á montanha armado de todas as peças, e voltar de lá montado n'um agigantado onagro.

E o seu nome retumbou em toda a Hespanha; porque não houve batalha em que entrasse que se perdesse, e nunca em nenhum recontro foi ferido ou derribado.

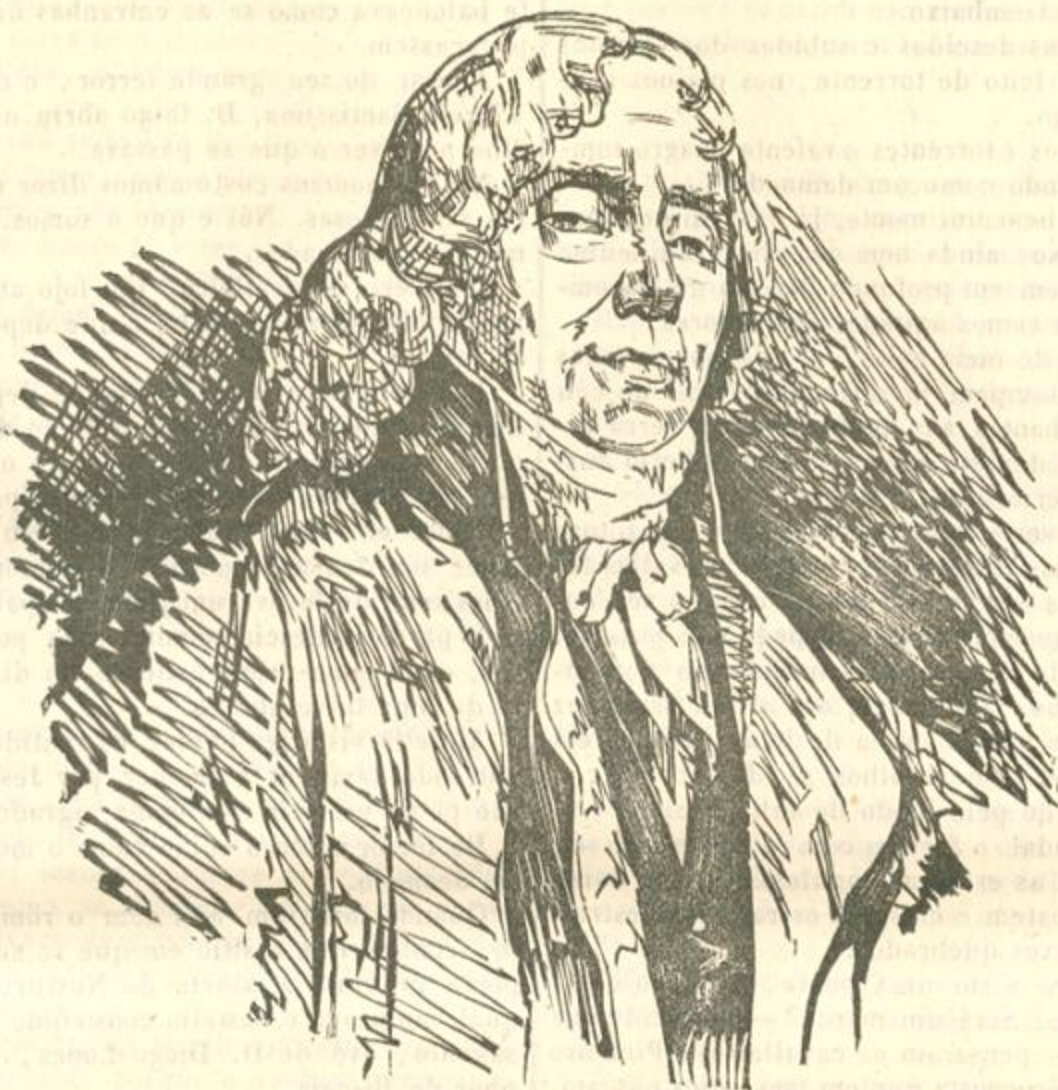
Diziam á boca pequena em Nusturio que o illustre barão tinha pacto com Belzebuth. Olhem que era grande milagre!

Meio précito era elle por sua mãe; não tinha que vender senão a outra metade da alma.

Por oitenta por cento de lucro no recibo de um egresso a dá ahí inteira ao demo qualquer creatura, e creê ter feito uma limpa veniaga.

Fosse como fosse, Inigo Guerra morreu velho: o que a historia não conta é o que então se passou no castello. Como não quero improvisar mentiras por isso não direi mais nada.

Mas a misericordia de Deus é grande. Á cautella rezem por elle um *Pater* e um *Ave*. Se não lhe aproveitar, seja por mim. Amen.— (A. Herculano).



TALLEYRAND.

ESTE homem extraordinario, tres mezes antes de morrer, recitou no Instituto o elogio do conde de Renhard, e nesse discurso disse — que um ministro dos negocios estrangeiros hade possuir a faculdade de parecer sincero, ao mesmo tempo que ninguém lhe possa penetrar os pensamentos; e de ser desconfiado na realidade, postoque perfeitamente franco em suas maneiras. — Nesta maxima delineou Talleyrand o seu proprio retrato. A faculdade de occultar as suas opiniões nos casos graves ou imprevistos, e o affinco em attender ao principio de que os ataques á pessoa desvanecem-se com o tempo por carencia de opposição, deram em resultado a ignorancia dos contemporaneos quanto ao verdadeiro character de tão notavel homem: o seu silencio systematico foi occasião de vogarem imputações que não merecia se lhe fizessem; mas é certo que contribuiu por outro lado para lhe grangear maior fama de habilidade e talentos do que lhe competia.

Carlos Mauricio de Talleyrand Perigord nasceu aos 13 de fevereiro de 1754, o primogenito de tres irmãos que foram: era de familia antiga e nobre, mas seus pais o desprezaram e pozeram a criar n'um suburbio de Paris. Por effeito d'uma quèda, tendo apenas um anno, ficou para toda a vida coxo, e incapaz portanto do serviço militar; viu-se depois obrigado a renunciar os direitos de morgado em prol de seu segundo irmão, e a seguir a profissão ecclesiastica. A aversão que lhe tomára a familia, e que lhe não escondiam, o fez de genio sombrio e taciturno. Transferido da tutella da ama para o collegio d'Harcourt, e dahi successivamente para o seminario de S. Sulpicio e para a Sorbon-

na, revelou sempre a indole de mancebo retrahido, orgulhoso, e ao mesmo tempo dado aos estudos. Mostrou na futura vida publica tanto gosto litterario e tão extensos conhecimentos, que tão bem cabiam n'um homem d'estado, que forçosamente se deprehende terem sido adquiridos na primeira idade, por quanto a turbulenta carreira em que depois se viu empenhado não lhe permittia folgas para taes applicações.

Chegando aos vinte annos, augmentado em reputação de talento, e restabelecido de saude, estes predicados o reconciliaram com a vaidade de seus pais, que então o reconheceram; e o introduziram na sociedade de seus iguaes, pela primeira vez, na occasião em que se celebravam as solemnidades da coroação de Luiz 16.º — Mancebo, nobre, de ardente temperamento, de agudo engenho, possuidor de boa presença, e sobretudo daquelle dote do espirito, que mais agrada, isto é, a graça e viveza da conversação, não admira que assim que entrou no mundo grangeasse applausos e estima, conhecimentos e amizades; e postoque no exterior conservasse a seriedade a que o habituaram as impressões de sua primeira idade, soube com destreza modifica-la por tal arte que era de todos bem recebido e festejado. Dedicado ao estudo ecclesiastico contra sua vontade, não era estranho ás distracções mundanas; é porem constante quão poucos escrúpulos o clero francez em geral tinha nesses tempos licenciosos: pelo que o juizo severo de alguns não impediu que em 1788 fosse elevado á dignidade de bispo d'Autun. Por outra parte os seus talentos o acreditavam tanto, que o corpo do clero,

então mui poderoso, o nomeára oito annos antes agente ou procurador geral da ordem ecclesiastica no reino, cargo melindroso e de extensa influencia, e que parecia impropriamente commettido a um mancebo de 26 annos; mas no desempenho do qual elle se houve com tanta aptidão e pericia, que pelo desenvolvimento de sua habilidade administrativa entrou a ser ainda mais conhecido do publico em todas as classes da sociedade. Tal foi porventura a origem principal de seu futuro engrandecimento.

Rebentando a estupenda revolução de 1789, eleito deputado pelo clero aos Estados-geraes, deu Talleyrand principio á sua carreira politica: abraçou calorosamente a causa nacional e continuou a defende-la com talento e perseverança na assembléa constituinte. Alem de innumeraveis trabalhos, distinguuiu-se; por ser o primeiro que votou pela reunião do clero ao terceiro estado; por ter promovido a abolição dos dizimos e a applicação dos bens ecclesiasticos ao thesouro publico; pela redacção de mui crescido numero de relatorios sobre fazenda nacional, instrucção publica, e pezos e medidas; e como membro da commissão de constituição, pela famosa declaração dos *direitos do homem*. A 16 de fevereiro de 1790 elegeram-no presidente daquella assembléa; e em 14 de julho do mesmo anno officiou de pontifical na *altar da patria* no campo de Marte em a cerimonia da confederação franceza.

Foi tambem dos primeiros que prestou juramento de obediencia á constituição civil do clero, e o unico dos bispos francezes que se prestou a sagrar os nomeados constitucionalmente; proceder reprovado pelo pontifice Pio 6.^o que fulminou excommunhão contra Talleyrand, o qual deu a renuncia da cadeira episcopal de Autun.

Em 1791 foi eleito membro do Directorio, e pouco depois como testamenteiro de Mirabeau veio dar parte á assembléa nacional da morte daquelle celebre orador. Assim como a cõrte o aborrecia por haver tomado abertamente parte na revolução, os republicanos não gostavam do seu riso d'escarneo, e do aferro com que advogava a monarchia modificada. Todavia Luiz 16.^o, no primeiro quartel de 1792, incumbiu-lhe uma commissão a Inglaterra, postoque politica, sem character diplomatico: nenhum bom resultado teve a sua missão: mas conservou-se em Londres por espaço de dois annos mantendo relações com os homens principaes da republica, não obstante simular o ser perseguido por parte desta: sem embargo disso as suas occultas maquinações causaram a ordem rigorosa que em 1794 o constrangeu a sahir da Graã-Bretanha, vendo-se então precisado a refugiar-se nos Estados-Unidos. Por influencia de M.^{ma} de Stael, voltou á patria no anno seguinte, e continuou a ser um dos homens mais interessantes á republica em consequencia de trabalhos e actos, que não podem enumerar-se n'um breve esboço biographico: por fim em 1797 [anno 5.^o da republica] chegou ao estadio politico, em que tinham de brilhar com maior esplendor os seus talentos e extraordinaria sagacidade: foi nomeado ministro dos negocios estrangeiros, posto em que se manteve, desta primeira vez, até 19 de julho de 1799. —

[Continúa].

DA BENEFICENCIA PUBLICA E DOS ASYLOS DE MENDICIDADE.

INDIGENCIA, pauperismo e mendicidade são tres grandes symptomas pelos quaes o estadista observa-

dor pôde calcular o gráu de miseria a que se acha reduzida a nação que faz objecto das suas indagações. Mas acontece que, por falta de noções exactas, escriptores da primeira ordem tem confundido umas com as outras estas tres expressões; e, por consequente, uns tem dado sobre os diversos paizes as mais falsas informações a este respeito: outros tem aconselhado a adopção de systemas de beneficencia publica, mais proprios para augmentar do que para diminuir o numero dos desgraçados.

Cumpra pois fazer notar que pôde a miseria publica parecer muito mais grave em um paiz do que em outro se se attende ao numero dos mendigos, entretanto que parecerá muito menos infeliz se se considera relativamente ao pauperismo. N'outros, pelo contrario, onde o numero dos mendigos é mui diminuto, e apenas se descobrem alguns vestigios de pauperismo, o numero e a qualidade dos indigentes nos fazem conhecer que a miseria tem alli chegado ao mais alto gráu de gravidade.

O funesto symptoma do pauperismo não se observa senão nos paizes que tem chegado a um muito consideravel gráu de civilisação. A mendicidade é propria dos paizes mediocrementemente civilizados; e a indigencia destituida d'ambos aquelles dois modos de beneficencia caracteriza os estados que ainda se acham, como se costuma dizer, na infancia das sociedades.

Em quanto, pelo atraso do commercio e da industria, as riquezas se acham concentradas nas mãos de um pequeno numero de ricos-homens, a classe de homens, que são invalidos ou ociosos, ainda quando seja numerosa, não precisa de mendigar; nem a beneficencia é obrigada a recorrer á organisação do pauperismo: todos elles se distribuem pelas casas dos homens abastados, a cuja sombra vão vivendo, ou antes vegetando, como plantas parasitas ou como apaniguados.

Quando porem na successão dos tempos, o progresso da civilisação tende a dividir as riquezas, desapparecendo essas familias de grandes proprietarios territoriaes, e succedendo-lhes lavradores mais ou menos abastados, fabricantes, negociantes e capitalistas mais ou menos ricos, mas, tanto uns como outros, ephemeros, e cujas casas duram apenas duas gerações, diminue o patronato dos pobres, e são estes obrigados a lançar-se á vida de mendigos; uns por invalidos, e outros, em maior numero, por ociosos.

O spectaculo desta miseria, que infesta as ruas e as casas, desperta, revolta e, até certo ponto, envergonha a classe opulenta: e quando a corrupção, que de ordinario vai progressivamente ganhando terreno ao passo que a civilisação e o luxo se desenvolvem, faz avultar desmedidamente o numero dos mendigos, cresce nestes a desmoralisação e a audacia; os ricos comprehendem os perigos com que os ameaça a revoltosa inveja dos pobres, e sentem a necessidade de capitular com elles, suavizando, sem a remediar, a sua indigencia, a fim de os conservarem dependentes e submissos. E eis-aqui a origem do pauperismo, que consiste n'um systema organiado de subsidios fornecidos pela classe opulenta ás classes indigentes, debaixo da inspecção mais ou menos directa das auctoridades constituídas.

Tres symptomas se tem seguido na organisação destas instituições de beneficencia publica: umas vezes tem-se creado vastos edificios aonde se recolhem os indigentes, sem mais distincção que a dos

sexos; e sem se lhes impôr obrigação de trabalho: outras vezes, distinguindo-se, além dos sexos e das idades, a capacidade de trabalhar, tem-se creado hospícios para invalidos e casas de trabalho para todos os mais indigentes: outras vezes, emfim, tem-se preferido distribuir trabalhos sufficientemente remunerados aos indigentes válidos, e socorros gratuitos aos invalidos, mas tanto uns como outros em suas casas.

A primeira destas tres sortes d'instituições, esses asylos de mendicidade, são outros tantos focos de immoralidade e dissolução, como asylos que são da preguiça e da ociosidade.

A pratica de distribuir tanto os trabalhos, como os subsidios gratuitos por casa, seria preferivel a qualquer outro systema, se se não tornasse impracticavel pelo complicado detalhe da administração: tanto mais impossivel de sustentar quanto fôr mais rapido o progresso da indigencia: pois seja qual fôr o methodo de beneficencia que se adopte, o seu inevitavel effeito é de augmentar o numero dos pobres e aggravar os males da indigencia.

Não resta pois outra opção, e é forçoso dar a preferencia ao segundo systema creando hospícios para os indigentes absolutamente invalidos; e casas de trabalho para aquelles que conservarem ainda a faculdade de grangearem pelo seu trabalho os meios da sua subsistencia ou, pelo menos, parte delles.

Cumpra porem advertir que a reunião dos indigentes nestas casas de trabalho está sujeita a muitos e mui graves inconvenientes; de que só apontaremos os tres principaes, não nos permittindo a estreiteza deste artigo sermos mais extensos.

O homem, postoque naturalmente sociavel, é dotado de muitas outras paixões diversas, de que resulta o que se costuma chamar sympathias, e antipathias, compatibilidade ou incompatibilidade de genios, usos, costumes, principios moraes e religiosos entre si repugnantes; e emfim habitos e modos de viver inteiramente disparatados e inconciliaveis. Já se vê pois quão grandes e inevitaveis desordens são de reccar destas forçosas reuniões.

O segundo inconveniente consiste na impossibilidade de reunir, sem offensa da moral publica, um certo numero de familias no mesmo edificio ou qualquer outro restricto recinto. Por conseguinte, devendo estes estabelecimentos conter unicamente pessoas solteiras ou viúvas, quer de um, quer de outro sexo, vem a ser um grande obstaculo ao espirito de familia, sem o qual é impossivel conceber uma sociedade regular.

O terceiro inconveniente das casas de trabalho é a funesta influencia que ellas exercem sobre os preços do mercado, assim como sobre as qualidades dos productos: sabemos que os regulamentos daquellas casas podem diminuir, até certo ponto, estes dois graves inconvenientes, mas não os podem extirpar, nem mesmo reduzir a uma dimensão que o seu effeito se possa reputar indifferente para a industria.

Ponderados pois todos estes inconvenientes dos diversos systemas de beneficencia publica; paremos que a organização do trabalho pela maneira que havemos expellido no nosso projecto d'associação das classes industriosas, ou por outro mais bem concertado, seria o unico meio de suspender a torrente que ameaça a agricultura e a industria de uma prompta e total ruina.

Silvestre Pinheiro Ferreira.

TUMULO PARA MR. DE CHATEAUBRIAND.

O GENIO inspirado, que elevou ao christianismo um dos maiores monumentos intellectuaes, que desta religião tem surgido — o cantor dos martyres — o historiador estudioso e profundo, já tem preparado, na terra onde nasceu, um asylo para os seus ultimos restos. Os ossos venerandos de Mr. de Chateaubriand repousarão no cimo de uma rocha, á beira do mar, e á sombra da cruz. O illustre poeta toda a sua vida desejou que a sua sepultura fosse em *Saint-Maló*, cidade onde nasceu aos 4 de novembro do anno do Senhor de 1768. Em 1828 communicou este seu desejo ao *conselho municipal* de *Saint-Maló*, o qual, respondendo a um pedido que tanto o lisongeava e enobrecia, se offereceu para construir o tumulo á custa da municipalidade. Este offerecimento, ainda que muito honra os membros do *conselho municipal*, dá a conhecer que elles não comprehenderam a intenção do poeta religioso, a qual toda se revela na resposta que receberam de Mr. de Chateaubriand, e é a seguinte: — «Eu nunca pertendi, nem ousaria nunca esperar, que os meus concidadãos se encarregassem das despesas do meu tumulo. Eu só pedia que me vendessem uma porção de terreno no lado occidental da Ilhota de *Grand-Bay*, que tivesse 20 pés de comprimento e 12 de largura, para eu mandar cercar de um muro rente do chão, no qual assentaria uma grade de pouca altura, e que serviria de resguardar as minhas cinzas, mas que de modo nenhum podesse ser considerado como ornato. Dentro do espaço guarnecido por esta gradaria devia ser collocado um pedestal de granito dos rochedos que cercam a praia, e neste pedestal se havia de cravar uma cruz de ferro sem inscripção, nome, nem data. A cruz diria que o homem que jazia aos seus pés era um christão, e tanto bastaria á memoria desse homem.» Todos estes desejos de Mr. de Chateaubriand foram realisados; e o promontorio açoutado pelas ondas, e que tem o aspecto de um tumulo, está para sempre ligado á historia maravilhosa do espirito humano. — Entre as fortificações com que em 1652 o guarneceram, quando a França temia o poder de Cromwel, vê-se o monumento simples e christão, que terá de levar á posteridade a memoria do novo apostolo do christianismo. Não é esta a primeira vez que a cruz corôa estes rochedos, e antes de 1652 se alevantava sobre uma ermida de *S. Owen*, que outr'ora fôra construida sob a invocação de *St.^a Maria do Loureiro* — hoje o pensamento sublime de um grande homem a ergueu de novo nesse pedregoso pedestal, donde a arrancaram as exigencias da guerra. Permitta Deus que Mr. de Chateaubriand continue por muitos annos a ver o seu tumulo, e ainda muitas vezes possa ir orar ante a cruz que lembrará aos vindouros o jazigo do seu cadaver! — *S. J. Ribeiro de Sá.*

Pensamento de Frederico 2.^o rei da Prussia. — O homem, a quem se não metter em cabeça que do céu cabiu na terra, para quem não data o mundo tão sómente do dia em que nasceu, deve ter curiosidade de saber o que tem succedido em todos os tempos e povos. Se por indifferença não tomar calor a respeito de muitas nações grandes, que foram alvo da sorte, interessar-se-ha ao menos no que toca ao Estado em que habita, e verá com prazer as acções de seus antepassados,